

## PRIMEIRA LEI DE NILTON

Gabriel Nogueira Maia<sup>1</sup>

Nilton é meu avô materno. Há quem afirme a incorreção do "ser" no presente ("É" meu avô), já que não tive o prazer de conhecê-lo. Penso, no entanto, que tampouco o pretérito ("ERA" meu avô) seria exato, já que morreu sem antes instalar-se no cargo. Na dúvida, presentifico-o, presente que foi, para muitos...

Nilton, muito saudoso (a julgar pela diversão com que sempre me relataram seus casos), era homem de seu tempo: contador, metido em traje social, olhos verdes escondidos atrás de óculos de grossos aro e lentes, afetuoso, mas sem muitos toques. Dizem que enxergava mal. Supomos, hoje, em retrospectiva, que é a origem da ceratocone da Paula. Especulações...

Mas o que quero é dizer que Nilton era um homem de hábitos jocosos, como por exemplo o de, estando protegido pelo conforto da estação, acenar e mandar beijos às moças feias que se debruçavam nas janelas de ônibus e trens. Não pensavam que a banda tocava para elas, mas os beijos lhes eram mesmo destinados, embora em moeda sem lastro de intenção.

Nilton não completara sua educação formal, como tampouco fizera minha avó que, para mostrar-se ainda assim superior, costumava exhibir-nos um arrebatado panegírico que lhe fora destinado pela mestra Eunice no verso de um santinho, para em seguida nos mostrar a caderneta escolar do vovô, de que constava, junto à aprovação, um "simplesmente", suposto índice de quase-insuficiência.

Em uma das não tão raras provas de que o formalmente estabelecido não é prova incontestada de nada, o vovô-"simplesmente", com prazer, e não a duras penas, era um homem de cultura, verdadeiro bibliófilo. Ainda conservo satisfeito os muitos livros de que se valeu em rota de erudição, embora dos Livros Barsa (agora, sim, a

---

<sup>1</sup> Bacharelado em Português da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Teia - nº 3 - Agosto/2011 - crônica.

duras penas) tenha conseguido (des)livrar-me (Não me censurem, Getúlio ainda estava vivo no troço!).

*Bibliofilamente* enriquecido de cultura, vovô sempre se divertia com os erros dos circunstantes, mas sem jamais corrigi-los, tanto para não ser pedante quanto para não se privar de futuros divertimentos. Certa feita, sentado no sofá, viu entrar estrepitosamente pela sala o Tadeuzinho, seu filho, a contar-lhe, maravilhado, que assistira a um filme de "injada". Sem corrigi-lo (e milagrosamente, tendo-lhe entendido a fala) aconselhou ao menino que fosse à cozinha relatar o caso a suas tias. Da sala, ouviu arrebentarem na cozinha algumas gargalhadas: "hahah! Indiarada, Niltinho! Indiarada danada, de arco, flecha e o capeta, haha!".

Em outra ocasião, na estação (onde aparentemente sempre havia chance de diversão) viu tombar ao chão uma ordinariamente muito composta senhora que, de pernas para o ar e saias em reverso, revelava assim suas (de)formas. Ofendida (mas orgulhosamente ofendida!) com a indiscrição daquele homem que a espiava, disse a senhora:

- *O senhor por acaso não terá já visto roupas íntimas?*

- *Pois digo à senhora que sim! Apenas nunca deparara velha de calcinha rosa-choque!*

Ah, como são bons os avôs!

Ah! E a primeira lei de Nilton era: Divirta-se sempre que possível!